

KONDER, Leandro - *O futuro da filosofia da práxis - O pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Maria Francisca Sales Pinheiro
Professora do Departamento de Sociologia da UnB

O desmoronar do "socialismo burocrático" trouxe de volta ao centro do debate nas ciências humanas o legado teórico de Marx. Desta vez, não mais para aplaudir o grande pensador, cujas idéias alteraram a face do mundo, mas para criticá-lo. Afinal, o modelo não ruiria deixando incólume os seus pressupostos. De imediato, o fracasso do socialismo foi identificado com os princípios teóricos de Marx.

Porém, o mesmo rigor que Marx tinha com as suas posições, chegando mesmo a não se reconhecer 'marxista', ao perceber interpretações errôneas de seu pensamento, deve-se ter hoje e não se estabelecer uma relação linear entre Marx e o marxismo pós-Marx.

Evitadas as simplificações, o certo é que o debate sobre o marxismo está necessariamente aberto e podem-se distinguir, pelo menos, quatro tendências na literatura atual sobre a crise deflagrada: os que sentem suas posições antimarxistas reforçadas com o fracasso de experiências 'socialistas'; os que retomam Marx na íntegra, sem nenhuma revisão, como se fosse uma doutrina; os que consideram que idéias centrais e medidas práticas de Marx, como a abolição da propriedade privada e a proposta de um planejamento centralizado e controlado pelo Estado, são incompatíveis com a construção de uma sociedade democrática; e, finalmente, os que acreditam na validade da teoria marxista, revisada e redimensionada à luz dos eventos históricos do século XX.

Leandro Konder partilha dessa quarta posição. Ele faz uma leitura crítica, mas positiva de Marx. De acordo com este seu livro mais recente, é através da filosofia da práxis que Marx continua o grande pensador da atualidade: "a práxis é a mais importante descoberta de Marx" (p. 123).

O enlevo do autor com as idéias originais de Marx, chega a ser surpreendente em um momento de tanta ofensiva ao velho pensador. Ele dedica atenção aos mínimos detalhes da vida e do pensamento do mestre e inspirador. Todavia, reconhecendo a importância de Marx, Konder, em nenhum momento, abandona sua posição de investigador: "Por sua própria estrutura como pensador, por sua presença marcante na história recente do pensamento de esquerda e nas vicissitudes dos

conflitos políticos, Marx deve ser encarado como um problema. Evitemos a tentação de dar por respondida, cabalmente, a pergunta: como lidar com ele? Acostumemo-nos à idéia de que o seu legado, enquanto for efetivamente importante, precisará ser reexaminado, revisto, redimensionado, reformulado" (p. 56).

O livro analisa Marx como um pensador do século XIX, como tem sido um pensador no século XX e como poderá se tornar um pensador do século XXI. Se o estudo convence ou não, em um campo de discussão tão fracionado como o marxismo, depende muito da leitura que cada um faz de Marx e dos problemas que fizeram desabar o "mundo socialista". Independente das formulações que se possa ter, o estudo de Konder é um exemplo de como se deve travar o debate intelectual: o autor se apóia em vasta bibliografia, expõe com clareza as idéias e mantém uma postura de diálogo permanente com as suas próprias convicções.

O tom aberto ao diálogo e a mudanças já é definido no início do livro. É como se Konder falasse para si e para os demais marxistas: "Se queremos crescer, precisamos evitar a tentação de nos aferrar a modos de sentir e de pensar que estão funcionando mal, precisamos fazer um esforço cansativo, difícil, incômodo no sentido de abrir nossas cabeças para a aventura de pensar o novo" (p. 14). E, como se se dirigisse aos marxistas em geral: "O marxismo se destacou, no interior do movimento socialista, como sua principal matriz filosófica, seu melhor fornecedor de argumentos. Agora, entretanto, ele não pode se furtar a um balanço implacável do estado geral de suas instalações; e não pode deixar de indagar incisivamente de si mesmo com que potencialidades ainda conta e de que energias ainda dispõe" (p. 14).

O capítulo que situa Marx como um pensador do século XIX é o mais importante porque dele se pode extrair os aspectos do pensamento de Marx que permanecem presos ao passado e aqueles que ultrapassam a sua época e continuam atuais. No entanto, é também o capítulo mais problemático porque se trata de um encontro do autor com o próprio Marx e o que se percebe é que boa parte das críticas feitas são justificadas em função do contexto intelectual e histórico do século XIX. É como se Marx não tivesse sido mais genial porque as condições ou o pensamento na época não lhe permitissem.

O conservadorismo e o moralismo de Marx no plano das relações pessoais e afetivas, como no caso citado do filho com Lenchen, governanta da família, não podem se resumir a explicação dos valores da época, até porque Marx foi um dos mais ferrenhos críticos desses valores. Da mesma maneira, o autoritarismo das idéias de Marx sobre o Estado não se pode restringir "às necessidades da ação revolucionária naquele momento", mas a uma concepção autoritária de poder. Também não se deve aventar a displicência de Marx pela discussão de temas como a democracia e os direitos humanos, presentes na literatura do século XIX e postos, com todo vigor, como uma problemática pela revolução e contra-revolução francesas.

Leandro Konder critica as formulações de Marx sobre os direitos humanos, mas justifica o seu desinteresse pelo tema: "Marx não enfrentou essa questão, não sentiu a necessidade de enfrentá-la. Por quê? Talvez porque o quadro da luta política em que se viu empenhado, marcado por certa truculência, não lhe impusesse esforço de aprofundar sua reflexão crítica a respeito do Direito e do peso dos valores jurídicos no encaminhamento eficaz do processo de transformação da sociedade" (p. 43). Marx permaneceu avesso ao conteúdo universal dos direitos do homem, mesmo sendo ele próprio beneficiário dos direitos já adquiridos.

O livro ganha em riqueza de dados e de análise quando passa ao estudo das repercussões do pensamento de Marx no século XX. Konder recupera a história das tendências no movimento socialista, o crescimento e a contribuição teórica da Social-Democracia, as suas lutas internas e o rompimento com esta pelo bolchevismo. Cada momento histórico possibilitou apropriações diferentes do pensamento de Marx: mais 'reformista' ou mais 'revolucionária'.

Mostrando Lenin como um revolucionário e estudioso da obra de Marx e da dialética hegeliana, Konder, porém, não poupou críticas à versão de Lenin sobre o marxismo, que teria corroborado para a ascensão do 'stalinismo': "não pode deixar de ser reconhecido que o leninismo veio a ser um dos pressupostos essenciais do 'stalinismo'. Sem o partido único, o 'stalinismo' seria impossível. E a posição assumida por Lenin em defesa da importância da teoria acabava se esvaziando diante da truculência pragmática com que o próprio Lenin (abrindo caminho para Stalin) abordou as questões filosóficas discutidas em seu livro *Materialismo e empiriocriticismo*" (p. 77).

É no pensamento de Marx sobre a filosofia da práxis e na reelaboração feita por Gramsci que Konder localizará a força do marxismo no século XX. Gramsci percebia que a "autotransformação do marxismo" só podia ser pensada a partir de uma concepção centrada sobre a práxis. "Em seu 'historicismo absoluto', a 'filosofia da práxis' não pode se cristalizar ou ossificar em um modelo doutrinário enrijecido: é um pensamento novo que inaugura uma postura filosófica nova. Está condenado a atuar sempre como uma força comprometida com a inovação. Exatamente por isso, não dispõe de meios para se fazer compreender imediatamente como um todo, jamais caberá em um conjunto de fórmulas ou preceitos e não tem condições para exibir uma racionalidade 'pura'" (p. 92).

O legado filosófico de Marx está consubstanciado na filosofia da práxis, a expressão maior do seu pensamento. "É como a 'filosofia da práxis' que a filosofia de Marx tem possibilidades mais ricas de entrar no século XXI com alguma vitalidade" (p. 94).

Segundo Konder, a tentativa de pensar Marx como um pensador do século XXI faz parte de um 'programa' e se insere em um movimento que visa contribuir para ajudar os socialistas nos combates vindouros. A diversidade dos problemas enfrentados deverá corresponder, necessariamente, à diversidade das formas de atuação.

Nas batalhas políticas desse fim de século, as possibilidades de uma práxis eficaz dependerão da capacidade das forças de esquerda de assimilarem os valores do pluralismo. "O resolutivo reconhecimento da necessidade de pontos de vista diversos, de tendências distintas, de correntes diferentes, de espaço assegurado para a expressão dos esforços de compreensão e transformação de uma realidade inesgotável (de um real irredutível ao saber) não é uma concessão que a esquerda deve fazer ao liberalismo burguês: é o único meio que a esquerda dispõe para evitar o entorpecimento do seu pensamento e a deformação da sua atuação transformadora" (p. 135).

O terreno onde a assimilação do pluralismo poderá vir a ser comprovado não será o terreno do discurso, mas o da criação de condições para a construção de uma cidadania democrática. "Os 'marxistas' estarão sob observação: cabe-lhes demonstrar na atividade política que a 'filosofia da práxis' lhes permite assegurar aos cidadãos, universalmente, direitos mais abrangentes e liberdades mais completas do que as propiciadas pela concepção liberal" (p. 136).

Dialogando com o autor e concluindo a apreciação sobre o seu livro, um último comentário. Entre as contribuições ao pensamento marxista, é ímpar o realce dado por Gramsci a dimensão da criatividade humana e da ação histórica. Todavia, se esta é a essência da filosofia da práxis, não poderia tanto confirmar como questionar o marxismo como o único caminho da "emancipação humana"? Como a filosofia da práxis poderá renovar concepções tão caras a Marx como a teoria da revolução, a concepção autoritária de poder e a centralização da economia nas mãos do Estado, sem abalar o essencial da teoria?

Marx deveria estar presente para dar o seu parecer, principalmente depois de ver com os próprios olhos que muitas de suas propostas na prática contrariaram suas verdadeiras intenções: libertar o homem.